

PRINCIPAIS MECANISMOS DE COESÃO TEXTUAL EM PORTUGUÊS*

Ingedore G. Villaça Koch (UNICAMP)

Meu objetivo, neste trabalho, é relatar aspectos da pesquisa que venho desenvolvendo sobre os mecanismos de coesão textual em português do Brasil.

Procederei, inicialmente, a uma revisão quanto ao modo como tais mecanismos vêm sendo considerados em algumas obras de literatura especializada; a seguir, passarei a examinar a função desses mecanismos na construção da textualidade, procurando agrupá-los segundo características comuns. Isto me levará a propor uma re-classificação dos procedimentos coesivos mais utilizados em nossa língua.

1. Tomarei como base para a revisão as classificações apresentadas por Halliday e Hasan (1976), Faria et al. (1983), Marcuschi (1983) e uma primeira proposta de revisão feita por Fávero & Koch (1985).

Halliday & Hasan (1976), como se sabe, distinguem cinco mecanismos de coesão: referência (pessoal, demonstrativa, comparativa), substituição (nominal, verbal, frasal), elipse (nominal, verbal, frasal), conjunção (aditiva, adversativa, causal, temporal, continuativa) e lexical (repetição, sinonímia, hiperonímia, uso de nomes genéricos; colocação).

Entre os problemas que esta classificação apresenta, está, em primeiro lugar, a fluidez de limites entre referência, substituição e elipse. Os dois primeiros mecanismos são identificados por muitos outros autores - é o caso de Brown & Yule (1983), Charolles (1985), Faria et al. (1983), para citar apenas alguns; quanto à elipse, definida pelos próprios autores como substituição por zero, não deveria, por isso mesmo, constituir um tipo à parte. A coesão lexical, por seu turno, não constitui, a meu ver, um mecanismo independente: o uso de sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos constitui uma forma de reiteração ou retomada de referentes do universo tex-

* Quero agradecer aos alunos das turmas de 1987 e 1988 do Curso: Análise do Discurso - Coesão Textual (IEL-UNICAMP) pelas sugestões feitas, em particular a Wânia Milenez, Monica Zoppi Fontana e Carlos Rafael Luis; e especialmente, aos colegas Luiz Antonio Marcuschi e Luiz Carlos Travaglia, pela leitura criteriosa e discussão da versão preliminar deste trabalho.

tual, sendo, portanto, um procedimento que tem a mesma função coesiva que o uso de pro-formas; a repetição de itens lexicais ou exerce, também, a mesma função dos elementos anteriormente citados, ou tem, como ocorre com a colocação, função seqüenciadora (procedimento de reatização), enquadrando-se, neste caso, no que irei chamar de coesão seqüencial.

Faria et al. (1983) dividem a coesão em gramatical e lexical, abrangendo a primeira a coesão frásica, a interfrásica (ou junção), a temporal e a referencial. Verifica-se que esta última engloba a referência, a substituição e a elipse de Halliday & Hasan. No entanto, a coesão lexical continua merecendo classificação à parte, em oposição à coesão gramatical. Pensando-se, porém, em termos de funções, e não classes de palavras, continua valendo a mesma crítica feita a Halliday & Hasan. Quanto à coesão temporal, também não me parece que deva construir um tipo à parte, podendo enquadrar-se, perfeitamente, na coesão seqüencial, conforme postularei mais adiante.

Marcuschi (1983), baseando-se na relação dos mecanismos coesivos apresentados em Beaugrande & Dressler (1981) sem preocupação classificatória, agrupa os fatores de conexão seqüencial (coesivos) em: repetidores, substituidores, seqüenciadores e moduladores. Entre os repetidores, cita a recorrência, o paralelismo, a definitivização; entre os substituidores, a paráfrase, as pro-formas (nominais, verbais, adverbiais e pro-sintagmas), a pronominalização (anafórica, catafórica, exofórica) e a elipse. Inclui entre os seqüenciadores: tempo, aspecto; disjunção, conjunção, contração, subordinação; articulação terra-terra. Finalmente, apresenta como moduladores a entonação e as modalidades.

Também aqui surgem questionamentos: a pronominalização não é também uma substituição por pro-formas? Outras pro-formas, além das pronominais, não podem ser também anafóricas ou catafóricas? A pronominalização exofórica constitui mecanismo coesivo, se definimos a coesão, de acordo com Beaugrande & Dressler, como a maneira pela qual os componentes da superfície textual - isto é, as palavras tal como as ouvimos ou lemos - se encontram conectadas entre si numa seqüência? A meu ver, com base nessa conceituação, a coesão fica limitada a procedimentos endofóricos, visto que os exofóricos remetem a elementos extra-textuais recuperáveis apenas situacionalmente, e não a outros componentes da superfície textual. Ainda mais: qualquer tipo de pro-forma pode exercer a função de pro-sintagma, como também de pro-constituente, pro-oração, pro-enunciado. Assim sendo, os pro-sintagmas são tipos particulares de pro-formas, já que esta é uma função que as pro-formas em geral podem exercer.

Também a fronteira entre repetidores e substituidores nem sempre fica nítida: se o paralelismo é a repetição de estruturas preenchidas com elementos lexicais diferentes, e a paráfrase, a repetição de conteúdos semânticos sob formas sintáticas diferentes (Beaugrande & Dressler (1981), Marcuschi (1983)), parece-me que ambas deveriam ser classificadas sob um mesmo rótulo. Recorrência a paralelismo, na medida em que contribuem para fazer progredir o texto, poderiam ser também considerados seqüenciadores. Por meio da definitivização, faz-se referência a um elemento do uni-

verso textual, fazendo-o preceder do artigo definido, o que permitiria classificá-la como um tipo de substituidor. Quanto à articulação tema-rema, tratar-se-ia realmente de um tipo de seqüenciador entre outros, ou, pelo contrário, seria a estrutura temática responsável pelo uso dos diversos tipos de mecanismos coesivos, uns adequados à tematização e outros, à rematização?¹

Numa primeira proposta de revisão, Fávero & Koch (1985) fazem referência a três tipos de coesão: referencial, lexical e seqüencial (conexidade). A referencial englobaria referência, substituição e elipse, e a seqüencial corresponderia à conjunção de Halliday. Contudo, também aqui vale a crítica feita a Halliday & Hasan e a Faria et al. quanto à coesão lexical: trata-se de um mecanismo que ou tem a função de estabelecer co-referência (coesão referencial), ou a de fazer progredir o texto (coesão seqüencial).

A partir destas considerações, passo a apresentar uma proposta de reclassificação.

Postulo, em primeiro lugar, a existência de duas grandes modalidades de coesão: a coesão referencial (ou referenciação) e a coesão seqüencial (ou seqüenciação).

Coesão referencial é a que se estabelece entre dois ou mais componentes da superfície textual que remetem a (ou permitem recuperar) um mesmo referente (que pode, evidentemente, ser acrescido de outros traços que se lhe vão agregando textualmente); coesão seqüencial é aquela que diz respeito aos procedimentos lingüísticos por meio dos quais se estabelecem diversos tipos de interdependência semântica e/ou pragmática entre enunciados (ou partes de enunciados) à medida que se faz o texto progredir. Em termos de estrutura informacional, a primeira está ligada ao dado, a segunda, ao novo.

Obtém-se a coesão referencial por meio de dois mecanismos básicos: substituição e reiteração.

Há substituição quando um componente da superfície textual é retomado (anaforicamente) ou precedido (cataforicamente) por uma pro-forma - pronominal, verbal², adverbial ou quantitativa³-, que pode funcionar como pro-constituente, pro-sintagma, pro-oração ou pro-enunciado⁴. Bastante comum é também, em português, a substituição por zero-elipse -, mesmo em se tratando de componentes que exercem a função sintática de sujeito.

Observem-se os exemplos:

(1) As crianças estão viajando. $\left\{ \begin{array}{l} \text{Elas} \\ \emptyset \end{array} \right\}$ só voltarão no fim do mês.

(elas - pro-forma pronominal com função de pro-sintagma)

(2) Ontem fui conhecer a nova casa de Joana. Ela a comprou depois que seus pais morreram num acidente. Ambos eram ainda bem jovens. ela = pro-forma pronominal com função de pro-constituente.

(seus - pro-forma pronominal com função de pro-constituente)
(arbos - pro-forma quantitativa com função de pro-sintagma).

(3) Seguiremos amanhã para a Terra Santa. Lá visitaremos o túmulo de Cristo.
(lá - pro-forma adverbial com função de pro-sintagma).

(4) Isso não se faz: enganar um amigo desta forma.
(isso - pro-forma pronominal com função de pro-oração).

(5) João vai ser promovido, mas terá de aposentar-se. Foi o que me revelou um primo do general.
(o - pro-forma pronominal com função de pro-enunciado).

(6) Você pode me emprestar o carro?

6a. Não. (Ø).

6b. Não posso (Ø).

6c. O.K. Mas é porque confio em você.

(6a - elipse de enunciado; 6b. elipse de oração; 6c. pro-forma verbal).

A reiteração se faz através de sinônimos (ex. 7), de hiperônimos (ex. 8), de nomes genéricos (ex. 9), de expressões nominais definidas (ex. 10) ou por repetição do mesmo item lexical (ex. 11):

(7) Diante da casa, estava um menino. O garoto era magro e pálido.

(8) Vimos o carro do ministro aproximar-se. Alguns minutos depois, o veículo estacionava diante da Casa Branca.

(9) A multidão ouviu o ruído de um motor e, ao olhar para o alto, viu a coisa se aproximando.

(10) Reagan perdeu a batalha no Congresso. O presidente dos Estados Unidos vem sofrendo sucessivas derrotas políticas.

(11) Os cães são animais de faro apuradíssimo. Por isso, os cães são excelentes auxiliares da polícia.

A coesão sequencial, por sua vez, é obtida graças a procedimentos de recorrência ou progressão⁵. Entre os mecanismos de sequenciação por recorrência (ou parafrástica) encontram-se: recorrência de termos (ex. 12), de estruturas (paralelis-

mo) (ex. 13), de conteúdos semânticos (paráfrase) (ex. 14), de recursos fonológicos segmentais e suprasegmentais (ritmo, rima, aliteração etc) (ex. 15), de aspectos e tempos verbais (transições homogêneas, conforme Weinrich (1971)) (ex. 16):

(12) E o trem corria, corria, corria...

(13) "Nosso céu tem mais estrelas,
Nossa várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida.
Nossa vida (Ø) mais amores" (Gonçalves Dias)

(14) Todo enunciado fala de um estado de coisas de uma determinada maneira: além daquilo que se diz, há o modo como aquilo que se diz é dito.

(15) "O poeta é um fingidor:
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente". (Fernando Pessoa)

(16) O recanto era aprazível. O vento balançava suavemente as copas das árvores, os raios do sol refletiam-se nas águas do riacho e um perfume de flores espalhava-se pela clareira onde descansavam os viajantes. De súbito, ouviu-se um grande estrondo e todos se puseram de pé, sobressaltados.

(somente tempos do mundo narrado - 2º e 1º planos).

Por seu turno, os mecanismos de coesão seqüencial por progressão (ou frástica) possibilitam:

a) a manutenção temática, pelo uso de termos de um mesmo campo lexical (contigüidade semântica ou "colocação", segundo Halliday (1976):

(17) O desabamento de barreiras provocou sérios acidentes na estrada. Diversas ambulâncias transportaram as vítimas para o hospital da cidade mais próxima.

b) os encadeamentos, quer por justaposição (parataxe) com o uso de partículas seqüenciadoras, quer por conexidade ("connexité", conforme Charolles (1985)⁶. As partículas seqüenciadoras podem ser temporais, isto é, podem referir-se ao tempo do "mundo real" (ex. 18), e ordenadoras ou continuativas de enunciados ou seqüências textuais⁷, quando dizem respeito à linearidade e à ordenação de partes do texto (ex. 19).

(18) Houve uma pane no motor; instantes depois, o avião explodiu no ar.

(19) Falarei primeiro da linguística estrutural; a seguir, direi algo sobre o gerativismo; finalmente, exporei a teoria da enunciação.

O encadeamento por conexão feito por meio de conectores de tipo lógico, que estabelecem relações de conjunção, disjunção, implicação lógica, etc (ex. 20), ou através de operadores de discurso, responsáveis pelo estabelecimento, entre enunciados do texto, de relações discursivas ou argumentativas, operando a conjunção, disjunção ou contração de argumentos, ou acrescentando a enunciados anteriores atos de justificação, explicação, conclusão, especificação, generalização, etc. (exs. 21 a 24).⁸

(20) Se a água atinge 100 C,⁰ (então) ela entra em ebulição.
(A água | se p → q)

(21) Não vá ainda, que tenho algo importante a lhe dizer.

(22) O dia estava claro, mas achei melhor levar o guarda-chuva.

(23) Você agiu mal, portanto merece esse castigo.

(24) X é, sem dúvida, o melhor candidato, pois apresenta propostas concretas de governo. {Além disso, revela
{Também
conhecimento dos problemas da população. Convém frisar, ainda, que não faz promessas demagógicas.

Além dos mecanismos coesivos aqui tratados, existem ainda os que atuam como suprasseguimentos discursivos e cuja discussão extrapolaria os limites deste trabalho: é o caso de entonação e dos marcadores conversacionais, na linguagem oral, e dos indicadores atitudinais e de modalidade, tanto em textos orais como em textos escritos. Estou ciente de que toda e qualquer classificação é provisória e depende dos critérios adotados: acredito, porém, ter sido coerente com o critério estabelecido para este fim, ou seja, a função dos mecanismos coesivos na construção da textualidade.

NOTAS

1. Cf. Faria et al.: "Em geral, um tópico (= tema) tem a função cognitiva de selecionar e ativar um elemento existente na memória passiva do alocutário, transferindo-

o para uma memória ativa em que possa ser combinado com novos elementos cognitivos introduzidos pelo comentário. Esta função cognitiva dos tópicos determina que, em geral, os seus referentes tenham sido apresentados no discurso anterior ou seja, na situação concreta em que o texto está a ser produzido e interpretado, acessíveis ao locutor e ao alocutário, ou seja, os tópicos são em geral, co(n)-textualmente dependentes. A dependência co(n)-textual dos tópicos tem como corolário que elas sejam, de um modo geral, expressões definidas, substitutos anafóricos ou categorias vazias interpretadas anaforicamente." (grifo meu) - p. 207-208.

2. Ao contrário do que acontece em outras línguas, como por exemplo o inglês, as pro-formas verbais são de uso bastante restrito em português, limitando-se aos verbos ser (em enunciados do tipo exemplificado em (6c) e fazer, este último sempre acompanhado de uma pro-forma pronominal como isto, ou expressões como o mesmo, a mesma coisa, o que, de certa forma, cria formas cristalizadas em que não se pode desvincular um componente do outro: Pedro retirou-se do plenário e seu irmão fez o mesmo; Vou atender ao seu pedido, mas só o faço porque sou seu amigo.
3. Utilizo a denominação pro-forma quantitativa de maneira provisória, por falta de outra melhor. Não creio que pro-forma numeral ou quantificadora sejam alternativas melhores.
4. Estou considerando pro-constituintes as pro-formas que substituem termos que são partes de sintagmas, por exemplos, Joana em A casa de Joana (ex. 2); e pro-orações, as pro-formas que tomam o lugar de orações encaixadas, como que seu time vai vencer em Pedra acha que seu time vai vencer, mas eu não acredito nisso.
5. Castilho (1983) fala de tematização parafrástica e frástica. Daí poder-se falar, também, em seqüenciação parafrástica (que opera por meio de recorrência) e seqüenciação frástica (que se efetua por intermédio de progressão).
6. Charolles (1985) distingue entre coesão, conexidade (connexité) e coerência. Entende por coesão o que estamos denominando de coesão referencial, e, por conexão, o que estamos chamando de coesão seqüencial.
7. Não há dúvida de que a seqüencialidade é sempre temporal, no sentido de que um texto é uma manifestação linear, que se desenrola, portanto, no tempo; e é sempre textual, porque se manifesta textualmente. No entanto, estamos usando o termo partículas temporais em sentido estrito, para indicar as partículas que se referem ao tempo cronológico do "mundo real".
8. Tanto os conectores de tipo lógico como os discursivos foram estudados em detalhe em Koch (1984 e 1987).

BIBLIGRAFIA

- BEAUGRANDE, R. de e DRESSLER, W.U. Einführung in die Textlinguistik, Tübingen, Max Niemeyer Verlag.
- CASTILHO, A.T. de (1983). "Para o Estudo das Unidades Discursivas no Português Falado". Xerocopiado.
- CHAROLLES, M. (1985). Text connexity, Text coherence and Text Interpretation Processing. In E. "Sözer, (ed.) Text connexity and Text Coherence, Harburg, Burke, 1985.
- FARIA, I. et al. (1983) Gramática da Língua Portuguesa. Coimbra, Almedina.
- FÁVERO, L.L. & KOCH, I.G.V. (1985). Crerios de Textualidade. Não Publicado.
- HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, R. (1976). Cohesion in English. Londres, Longman.
- KOCH, I.G.V. (1984). Argumentação e Linguagem. São Paulo, Cortez.
- _____, (1987). "Dificuldades na Leitura/Produção de Textos: os Conceitos Interfrásticos". In. Kirst & Clemente (org.). Linguística Aplicada ao Ensino de Português. Porto Alegre, Mercado Aberto, 83-98.
- MARCUSCHI, L.A. (1983). Linguística de Texto: o que é e como se faz. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, Série Debates nº 1.
- WEINRICH, H. (1964). Tempus: Gesprochene un erzählte Welt. Stuttgart, Kohlhammer, 2a. ed., 1971.